

UM JARDIM NA ILHA DE S. MIGUEL.

A ILHA de S. Miguel é sem duvida a mais florescente, mais populosa, mais rica, e porventura mais importante desse formoso grupo, que constitue uma das mais interessantes provincias de Portugal.

Não cabe neste lugar dar a descripção desta ilha, bem como a das suas donosas irmãs, porque, á falta de mais recentes informações, correriamos o risco de repetir o que já mui bem e largamente se acha escripto, a similhante respeito, em varios numeros deste semanario. (1)

Cumpre-nos, porém, por occasião de darmos o especimen de um bello jardim de S. Miguel, fazer notar mui particularmente a variedade de productos que se encontram, ou podem facilmente tornar-se indigenas de S. Miguel, e centuplicar as suas forças, e a sua riqueza territorial e agricola.

Antolha-se-nos que da livre cultura do tabaco devem provir grandes interesses áquella ilha; muitos outros vegetaes preciosos dão-se ali perfeitamente; sendo para desejar que os michaelenses, alias tão dignos de louvor pelos esforços que tem feito por generalisar na sua abençoada ilha o conhecimento do ler e escrever, procurem aproveitar-se dos grandes recursos que têm ao seu alcance.

Outra necessidade das ilhas dos Açores nos parece ser uma linha de vapores, por meio da qual se estabelegam regulares communicações de umas para outras ilhas, e destas com a metropole.

Hoje que o espirito de uma bem entendida especulação começa a desenvolver-se entre nós, julgamos que não seria impossivel, nem mesmo difficil, organisar uma companhia, com sufficientes capitães, que se propozesse aquelle fim —, e que poderia denominar-se *Companhia de navegação a vapor atlantico-açoriana*.

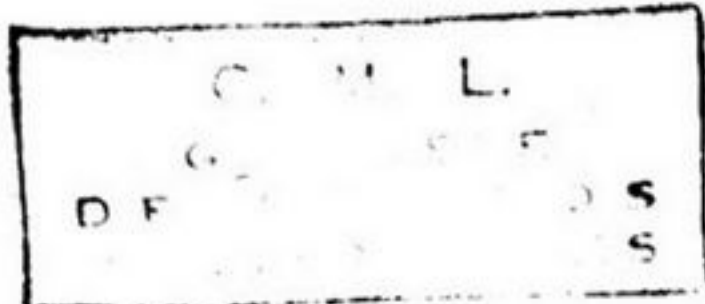
Parece-nos aproveitavel o alvitro, e como tal o entregamos á consideração do publico intelligente.

ALGUMAS LEMBRANÇAS PARA A FORMAÇÃO
DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA.

OS TEMPOS d'el-rei D. João V foram de grande movimento litterario. Academias de toda a casta, e de todas as denominações se levantavam a cada passo como por encantamento. Era um nunca acabar de palestras e certames; era um diluvio de prosa de todos os quilates, de versos de todos os tamanhos. Entre todas essas associações litterarias, ou que presumiam sê-lo, a Academia da Historia Portugueza, por isso mesmo que era *real*, se levantava aristocra-

ABRIL 30. 1853

(1) Vejam-se os numeros 145 e 164 do 4.º volume, pag. 41 e 196, e o numero 241 do 5.º volume, pag. 396.



tica e magestosa. Entrava desassomburada pelos paços dos reis, e despejava ali a pesada carga de suas erudições, como se fosse a náu dos quintos de toda a sabedoria. Não é aqui logar de avaliarmos até que ponto cumpriu esta nobre Academia os altos destinos a que se propunha, nem de espremermos os grossos volumes de suas collecções para medirmos com escrupuloso rigor seus succos litterarios. Bastará dizer que fez o que pode, e o que soube; e quem assim faz, já não faz pouco. E ainda que outro fructo não produzira a Academia Real da Historia Portugueza além da *Bibliotheca Lusitana* do abbade Diogo Barbosa Machado, só este trabalho bastava para a tornar recommendavel á posteridade, e acreedora do nosso agradecimento. Bem sei, e o proprio abbade confessa que já achou muitos subsidios apurados por auctores, que o antecederam; mas esses trabalhos, ou por ineditos, ou talvez por menos completos, de pouco serviam ao publico. Por isso o venerando abbade conserva ha mais de um seculo o sceptro da bibliographia portugueza, e recebe as homenagens das successivas gerações de estudiosos, sem embargo dos vicios inevitaveis do seu tempo, e ainda de outros resultantes da disposição menos acértada do seu plano. Assim por exemplo, subordinando todo o desenho de sua obra aos nomes dos auctores, deixou de mencionar as obras anonymas todas as vezes, que lhe não pode descobrir auctor; nem descreveu as collecções, quer academicas, quer periodicas, ou de outra qualquer especie. Negou os foros de auctores portuguezes, e repelliu inexoravelmente da sua bibliotheca aquelles que tiveram a sorte de nascer fóra das raias de Portugal, embora houvessem escripto em genuino e castigo portuguez.

Mas ainda abstrahindo d'estes e outros que taes defeitos; concedendo mesmo que nenhum havia na obra ao tempo, em que appareceu a lume; não se lhe póde hoje negar um fatal e insanavel vicio, qual é o de ter mais de um seculo de duração; e que seculo! um seculo, que talvez tenha produzido maior somma de escriptos, do que todos os outros seis anteriores desde a fundação da monarchia.

Por isso é sinceramente desejada e altamente reclamada pelos amadores das letras patrias uma nova compilação onde se faça completa resenha, e justo inventario dos escriptos portuguezes, ou sejam portuguezes pela lingua, ou o sejam pela filiação dos auctores. Naturalmente occorre pôr-lhe o titulo de *Bibliotheca Portugueza*. Mas é empresa colossal! exclamam todos. Tanta maior gloria, digo eu, será emprehendel-a e leval-a ao cabo. Com muito boa vontade, e algum trabalho estou certo que irá ávante. Ali estão os bibliothecarios das bibliothecas publicas do reino, a quem não deve ser peccado, antes aprasivel trabalhar de commun concerto em obra semelhante. Ali correm varias publicações bibliographicas modernas, compostas a diversos intentos, mas que todas contribuem poderosissimamente ao fim proposto. Não fallando em muitos trabalhos e investigações ineditas, dispersas por mãos de pessoas tão alleigoadas e desejosas do esplendor nacional, que seria irrogar-lhes grave injuria duvidar se negariam a enriquecer o monte commun com a offerta d'essas preciosas, posto que occultas minas.

Que falta pois? falta congregar esses elementos desvairados; falta promover a reunião d'esses ramos decepados do tronco commun; falta infundir a vida n'esses membros do mesmo corpo, que por ali jazem dispersos e amortecidos.

Outra voz mais forte que a minha devia ser a que levantasse o primeiro brado. Seria mais distincta-

mente ouvida; mais attentamente escutada. Mas este mesmo silencio de mais energicas vozes me dá esperanza de poder acordar do lethargo a quem, que, investido de maior auctoridade, possa chamar depois a si os mais distantes, ou os mais surdos.

Se vierem todos a boa avença, será facil achar quem tome sobre seus hombros o pesado encargo de dispôr e polir essa confusa agglomeração de materiaes, e ordenar um geral repositório, que possa servir de guia aos indoutos, e de memorial aos peritos. Mettamos mãos á obra, que espero em Deus nos ajude, e até nos depare o que á primeira vista mais custoso parecerá de obter. Nada ha tão difficil que a boa diligencia não vença.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XIV.

O Oratorio.

APROXIMANDO-SE da capella, Fr. Munio espantou-se do silencio, em que tudo estava. Empurrando a porta deu com os olhos nos aprestos do supplicio, sobre os quaes tremia o clarão do lampadario, e arredou-os á pressa. No primeiro momento não viu o mancebo, porque um pouco retirado no escuro conservava a postura, em que a meditação o colhêra. Desde que a sua vista se acostumou á escuridade, descobrindo-o foi direito a elle; e alguns instantes sem ser sentido o esteve contemplando com a melancolia do sacerdote, que á cabeceira da donzella vê sem ancia apagar-se a vida n'um suspiro, e deplora a belleza, que a terra come em flôr!

— « Senhor, » pensava elle, « porque deixaes penando o velho, que para nada presta, tão cançado do seu desterro, e chamaes o mancebo, que lhe devia cobrir de terra a sepultura? . . . »

E duas lagrimas, ao mesmo tempo, lhe pendiam das pestanas, lagrimas amargosas, como o pensamento, que as espremia. A vida para o monge era castigo e não prazer.

Gomes Lourenço, apenas lhe tocou a mão do frade, estremecendo, levantou-se em sobresalto.

— « Já! ? » exclamou elle. Depois, correndo a mão pela fronte, conheceu-o, e disse com tristeza:

— « Perdoae-me, não vos conhecia. Que hora será? »

— « Hora de vespera, passada. »

— « A noute! ? »

— « Medonha. »

— « Viste-os; vem? »

— « Ainda tenho esperanza. . . »

— « Em Deus, padre; nos homens. . . »

— « Tambem nos homens. . . »

O cavalleiro, sorrindo, apontou para o estrado e para o cepo.

— « Não se volta d'ali, padre. »

— « De toda a parte se volta, menos do inferno. »

— « Ou da cova. »

Ambos se calaram um pouco. O vento assobiava, e a saraiva, cada vez mais densa, agoutava as paredes. Um trovão estourou quasi sobre a ermida, e encheu-a de claridade livida. Os eccos rola-

ram o rebombo de longe em longe. Depois fez-se um silencio profundo.

— «Deus é grande,» acudiu o mancebo com ironia, «não quíz deixar ás escuras o meu enterro.»

Tornaram a emmudecer. Por cima, na sala, escutando, sentia-se ruido de passos, umas vezes lentos, outras precipitados.

— «O meu carcereiro!» exclamou o cavalleiro. «Ouvís?... Martim Paes não dorme.»

— «Deus o illumine. De todos é o mais infeliz.»

— «E eu o mais venturoso?» atalhou o mancebo com uma risada. «Se te obrigassem a escolher, padre, não querias a mortalha e o cepo, que me aguardam.»

— «Quem te disse, mancebo, que é pequena a minha cruz; e que a desejo levar um dia, ou uma hora além do que Deus marcar? Sabes se eu, consolando-te, careço de que me consolem tambem a mim? Quem adivinha se, debaixo da estamenha, está o coração morto do monge, ou um coração vivo que padece?...»

— «Tu, padeceres! E d'ahi?! Se alguma vez por desgraça sorriram para ti os olhos de uma mulher, pobre monge! bebeste o veneno de toda a vida.»

— «Silencio, mancebo!... Não vês por esta mortalha que já não sou do mundo? O que nos importa o passado? Devo esquecer até o nome ás loucuras; deixei-as á porta do claustro.»

— «Oh, padre, quem nas esqueceu nunca?!»

O monge, com os olhos humidos, ouvindo estas palavras, abaixou a cabeça, murmurando:

— «Nunca, é verdade! Prouvéra a Deus.»

— «Esquecer!» proseguiu o mancebo. «Só ali se esquece dormindo d'aquelle somno.»

E com o dedo mostrava as sepulturas.

— «Oh, padre, quem me arrancára este coração, que tão frio ha de estar logo! O que sinto, não o posso dizer, sei que endoudego. Amo-a, como não amei minha mãe, mais do que adoro a Christo. Agora mesmo parece-me que está ao meu lado. Tenho nos ouvidos o som da sua voz, e nos olhos o sorriso da sua bôca. Diante da morte esqueço-me de Deus, e vejo-a a ella.»

— «Animo, filho. É uma mulher que perdeis, e ganho está o céu. Vamos! Elle ha de dar-vos força para vencer a fraqueza do coração. Cavalleiro de Christo, queres que digam, que tiveste medo de morrer?!»

— «Medo! Quem tenho eu no mundo? O medo é só dos que ainda esperam.»

— «Pois sim; vamos-nos conformando com a vontade divina. E levantar a vista ao céu, é pôr o coração em Christo.»

— «Não me pèza da morte, devoto monge; custa-me só morrer d'aquelle mão.»

— «Pois bem; não vos lembreis mais d'ella. Voltemo-nos para o Senhor, pedindo-lhe que nos esforce e nos allumie n'este passo, que nos adoce as amarguras ardentes d'este calix...»

— «Padre, o proprio Deus tremeu de lhe pegar!...»

— «É verdade; a carne é fraca, treme... E no fim tanto faz morrer, encostando a cabeça áquelle cepo, como deitando-a no leito, ou de uma sétta! E suppôr que veio e que nos feriu...»

— «Quem me dera a lança de um cavalleiro!»

— «E fallar com o mundo, e não como christão. O que Deus dispõe é o melhor.»

Em quanto o monge fallava as faces do moço cavalleiro accendiam-se em vermelhidão febril: os olhos, pasmados e a encovar-se nas orbitas, seguiam

as nuvens, que se conglobavam no cerebro; o coração preso ou atropellado, agora parava, que se não percebia, logo palpitava como se arrombasse o peito. As veias frontaes entumesciam; bagas de suor gelavam-se na testa; e as arterias batiam descompassadas. Era uma agonia peior, que a da morte, se ha agonia maior que a do ultimo suspiro. Nem uma lagrima! As grandes tempestades são de fogo.

De repente o infeliz na convulsão do delirio, apertando a mão do frade com força, bradou em voz stridente:

— «Demonio tentador, cuidas que não te vejo, e não te ouço?... És escravo da minha lança. Dizes que vou morrer; mentes, espirito das trévas. mentes!»

E largando com impeto a mão de Fr. Munio continuou com uma d'essas risadas da demencia, que estalam nos ouvidos, e cortam de horror:

— «Tenho ainda tanto para viver no mundo!»

— «Virgem do céu, pelas dôres do teu amor, compadecei-vos d'este peccador, porque a paixão é terrível, e a bôca não sabe o que diz,» dizia o frade tremendo e cheio de piedade.

— «Amor!» proseguia o cavalleiro, que semelhante aos que sonham em somno leve julgava pelejar com invisiveis interlocutores. «Amor! No inferno não ha amor.» E abaixando a voz como quem falla em segredo, «ha ciume, traigão e escarneo. Não póde ser! Ella trahir-me?!... Demonio, a calumnia foi sempre a tua lingua, e a inveja o teu espirito... Escuta! «Gomes Lourenço, não adivinhas que te amo?» Não a ouves? Foge tentação do desespero. Sonhei que fora enganado, morto! era mentira. Ama como eu. Não a ouves jurar? Maria, espera! Quem falla aqui em morrer?»

— «Meu Deus, meu Deus, concede-lhe um toque da vossa graça!» disse Fr. Munio convulso.

E o monge erguia as mãos, em quanto o mancebo voava atraz da visão em que lhe fugia a alma. «Gomes Lourenço, filho!» acudiu o frade, «esquece essa mulher... olha que vaes morrer.»

— «Eu não posso morrer. A vida não é minha.»

— «Socega; põe os olhos n'aquelle cruz, e no Senhor, que d'ali te chama. Essa mulher trahiu-te. Foi a tua morte. Não te queiras perder por ella.»

— «E se aqui viesse, logo, banhada em lagrimas,» gritou com ancia o cavalleiro, arrastado para outras idéas pelo delirio, quem lhe havia de dizer: «amo-te e perdoo-te?!»

Depois, cruzando os braços no peito, proseguiu como homem que seisma:

— «Quando eu morrer não estará frio o coração, e de gelo a bôca? quem lhe ha de beber as lagrimas, quem lhe ha de respirar os suspiros?»

E refulgindo-lhe na vista e no rosto a sombria luz de um entusiasmo desvairado, abriu os braços, e cerrando o punho ameaçou com elle fechado os inimigos, de que a fantasia lhe povoava o recinto.

— «Não! quero viver para a levar n'estes braços. Homens d'armas, a mim! O meu cavallo sellado; a minha espada. A galope, depressa!... Os cascos fendem-se d'alto a baixo; as lanças vôam em rachas; cavallos e cavalleiros caem... galopa, adiante!»

Passados instantes amorteceu-se o brilho dos olhos, e deixando descair os braços, exclamou:

— «Combater por ella, eu!... Onde está o teu orgulho, neto dos Viegas? A soberba, a perfida, não quero vê-la!»

D'ahi, mudando para o tom meigo, accrescentava:

— «Vêde-a: lá vaee! E que gentil que vaee!»

Aquellas madeixas negras que lindas folgam! Que luz a d'aquelles olhos! Sorriu-se; chamou! oh, não; não me podia trahir; os anjos não enganam... Mulher, que vens fazer aqui?" gritou de repente, recuando com terrível aspecto, ao tocar no cepo. «Tens pressa de levar aos que te mandaram a conta do meu sangue? Oh, maldita sejas, em quanto Deus fôr Deus!»

E, desvairado e arquejante, caíu respirando em soluços altos, como quem depois da lucta desfallece debaixo do joelho do vencedor.

Fr. Munio já não sabia o que havia de dizer para acalmar tamanho desespero. O abysmo em que o mancebo se affundava era insondavel. Deus e os homens tinham desaparecido na céga idolatria da paixão.

Aonde iria o pobre monge achar balsamo para aquellas chagas? Ha afflicções que não se consolam, porque são mais eloquentes do que os discursos do homens, mais fundas e irremediaveis do que a vaidade da sua orgulhosa sciencia. A dôr, que abraça a immensidade do coração e do pensamento, não se cura com palavras.

Fr. Munio via abysmar diante de si a alma infeliz, e chorava porque ninguem tinha força para lhe valer. De repente occorreu-lhe, que Maria Paes, por uma rapida commoção, era a unica que o podia salvar; e sem perder tempo saiu para se ir deitar aos pés da altiva dama de Lanhoso. Mas antes de subir o primeiro degráu um pagem chegou-se, e disse-lhe de vagar algumas palavras, que fazendo-o levantar as mãos ao céu lhe mudaram o destino.

A pancada que bateu a porta, fechando-se atraz do frade, Gomes Lourenço poz-se em pé, e aproximando-se do estrado correu os dedos pela folha do cutello, dizendo com ironia:

— «Como é subtil e cortante a estrada do céu!»

Conservou nas feições a mesma expressão d'escarneo por alguns instantes. Depois, virando lentamente os olhos para a sepultura, que estava á sua esquerda, apertou a cabeça entre os punhos, e exclamou soluçando:

— «Perdão, meu pae!... Castigou-me Deus por te esquecer!»

E foi ajoelhar-se na lousa, orando com fervor.

(Continúa.)

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

1772 e 1696. — *A praça de Bissau.* — *O Pegiquiti, e as Bajudes.* — *A feira.* — *O fancaz, e a bestialidade.* — *Os mancebos e os valentões.* — *O ilheu do Rei a vista de passaro.* — *O porto de Bandim, as canhoneiras, e o brigue-cscuna Faro.*

III.

Não quero que me esqueça uma coisa muito singular posto que não era nova para mim, pois que já tinha lido, creio que em Montesquieu, uma allusão a este costume dos selvagens, que me fez olhar para elle sem espanto: o negro que vendia o café, trazia-o na propria arvore, que tinha cortado, e transportará ao hombro, ou de modo que lhe foi mais commodo. E assim que fazem os negros, quando querem vender o café para não estarem com o trabalho de o colher!

Só uma coisa estranhei n'este ajuntamento. Eu via andarem pela feira alguns negros membrudos e bem reforçados, altos e com apparencia de for-

ça, completamente nús, e com um enorme buzio; pareceu-me extravagante o ornato, suppuz que seria alguma insignia, que indicava a sua jerarchia, ou alguma qualidade physica. Não é nada d'isso; é um janotismo de que usam os balantas em quanto se conservam solteiros: a este buzio chamam elles *Fancaz*.

Em quanto usam deste adorno é-lhes permittida a bestialidade, que se olha senão como um merito, pelo menos como um acto muito commum, e como quem diria natural; mas apenas casam passa a ser considerada um crime enorme, que se pune com a escravidão. Elles aproveitam este tempo para requestarem, e fazerem de amaveis com as mulheres da sua tribu, ou com as dos papeis; mas apenas casam, tornam-se outros homens. São uns verdadeiros tyrannos torpemente interesseiros.

Chamam-se a estes, *mancebos*, nome que é commum para todos os pretos destas paragens, em quanto são solteiros. Os papeis costumam trazer uma folha da palmeira sibe, que amarram á cintura. A honestidade destes não é muito maior que a d'aquelles; mas ordinariamente só andam assim até aos dez-oito ou vinte annos, epocha da circumcisão (a que chamam ser *fanado*), depois da qual já usam um vestuario, cuja descripção deixo para depois. Destes mancebos de diversas idades e tribus andavam aos bandos pela feira.

Os valentões, ou guerreiros, conhecem-se pelas muitas armas que trazem em cima de si: pareciam-me arsenaes ambulantes, eu pelo menos ferro-velhos; eu por isso os tomei, assim que pela primeira vez os vi. Havia tal que trazia ao hombro uma espingarda, uma espada ou machete á cinta, e duas ou tres azagaias na mão esquerda: parece que, quanto mais armas trazem consigo, mais valentes são. É bonito vel-os de cabeça erguidã, e ar cheio de arrogancia e destimidez, passo firme e resoluta, e com este gingar dos espadachins, que cuidam que mettem medo a todos por certos movimentos que dão ao corpo. Será isto prova de que os espadachins da Europa são animaes da mesma especie, que os valentões desta parte da Africa? eu creio que sim, e muito mais o cri depois de ter visto que os cães em Bissau ladram, como os de Lisboa, e que as gallinhas de lá têm o mesmo cacarejo, e o mesmo costume de esgaravatar, que as de cá, ainda que sejam alguma cousa mais pequenas; differença que vale bem a da côr que se nota entre os ferrabrazes europeus, e seus collegas africanos.

É tambem ordinariamente n'esta feira que os pretos compram a agua-ardente, a polvora, tabaco, ferro, espingardas, folhas de espada, terçados, as bandas de Geba, guizos, campainhas, botões brancos e amarellos etc., que recebem em permutação dos artigos que trouxeram. A's nove para as dez horas da manhã acaba-se a feira, e toda este gentio se dispersa; ficando desde então até ao outro dia este sitio convertido n'um deserto.

Realmente era homem de bom gosto o governador que mandou fazer esta casa, dizia eu rindo ao meu hospede, pessoa sem duvida a mais importante da terra pela sua posição official, e pela sua riqueza; tenho visto poucas habitações tão bem collocadas como esta. E não era por lisonja que lh'o dizia por mais que isso affagasse o seu amor proprio, se é que lh'o affagava; mas porque realmente não era possivel que de nenhuma outra parte se gosasse um mais bello ponto de vista do que o que eu estava gosando, recostado n'um sophá proximo de uma especie de galeria que abria para o mar.

A' minha direita via eu o *Vouga* que se balouçava preguiçosamente no ancoradouro, e aspirava a brisa tepida da tarde, como se ella lhe fosse necessaria para refrescar os pulmões escaldados pelo vento do meio dia: adiante de mim se desenhavam ao longe por entre a neblina vaporosa erguida de uma myriade de rios, esteiros, allaganças e regatos, as praias e os cimos das arvores das terras dos bialares, onde existe Bolola, um pequeno estabelecimento commercial, que bem poderia ter sido por nós protegido, mas que está sendo quasi exclusivamente uma feitoria ingleza; á esquerda, e a distancia apenas de uma milha, avisto o pequeno ilheu do Rei, que dividindo em duas embocaduras o rio de Geba, parece que se está deleitando n'um banho continuo, e que vacilla em qual das duas fronteiras praias tomará pé.

Este lindo ilheu foi comprado em 1838 pelo governador Barreto, e desde então ficou sendo de propriedade nacional: a sua posição mostra á primeira vista as vantagens que d'elle se pôdem tirar como estabelecimento commercial, e como estabelecimento militar.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.



UMA RAPARIGA MADEIRENSE.

A NOSSA estampa representa uma das habitantes da nossa ilha da Madeira: (1) o trajar das raparigas

madeirenses não pôde dizer-se absolutamente deselegante, mas não se distinguiria com facilidade do que se usa em algumas das outras provincias de Portugal, se não fôra a celebre *carapuça*, que constitue o seu caracter distinctivo.

A fórma deste singularissimo toucado é, como pôde observar-se pela gravura, a de um funil, sem mais fita, nem enfeite. Já se vê que não deverá fazer um mui agradável effeito; entretanto um escriptor inglez, que temos presente, e que como todos os seus compatriotas é um dos apaixonados da ilha da Madeira, espraiando-se na descripção dos encantos e graças das madeirenses, não duvidou declarar que achava certo chiste ás taes carapuças.

VIAGEM AO MINHO.

De como eu me decidi a fazer uma viagem, por não ter em que empregar o tempo. O modo porque levei a effeito esta heroica resolução, e embarquei no Terreiro do Paço. — Chegada ao vapor. — A partida; o almoço. — Companheiros de viagem. — Um inglez que bebia vinho, para não enjoar. — Pasma em que fiquei por não ter saudades de Lisboa, e manciara porque principiei a fazer considerações sobre o estado actual da marinha portugueza, penetrando como desalmado nos domínios da politica. — Recapitulação. — Cincoenta leguas a vapor em trinta e duas horas.

CAPITULO I.

ERA no mez de agosto de 1852. Creio que todas as historias começam pouco mais ou menos d'este modo. Nem uma nuvem toldava este céu tão formoso, e que tantas sensaborias tem inspirado aos poetas do *Tijo de cristal*, cuja rima inevitavel e implacavel é *o céu do meu Portugal!*

Havia pouco tempo que tinha lido as *Viagens na minha terra* do sr. Garrett, e agradou-me bastante o livro. Como estava então recostado nos braços de um ocio deleitavel, veio-me á lembrança escrever um ensaio n'aquelle genero, e afagava esta idéa com o desejo de empreheuder uma viagem em Portugal; desejo que tenho conservado tantos annos, e que não pude ainda realisar completamente!

Mas para escrever, era necessario estudar, e tornava-se indispensavel viajar; considerações estas a que a minha preguiça se oppunha imperiosamente.

Depois, o conde Xavier de Maistre escreveu um volume viajando á roda do seu quarto; o sr. Garrett, que foi de Lisboa até Santarem, escreveu dous; por consequencia eu devia ir, pelo menos, até ás Caldas da Rainha, e obrigava-me a tres volumes. Era muito para quem, como eu, não podia competir com aquelles distinctos escriptores. Com tudo a idéa não me deixava, e a molleza envergonhava-me. Um dia, depois de muito seismar, tomei animo e decidi solemnemente pôr em pratica o meu pensamento de viajar, ainda que não tencionava publicar depois a narração da viagem; falta que seria muito para sentir, visto o immenso interesse que ha de ter esta publicação, e o successo enorme com que ha de ser acolhida pelo publico.

Escolhi o Minho, por ser a minha terra natal, e tambem porque é a provincia mais propria para inspirar um viajante faminto de novidades.

«Está jogada a sorte!» disse eu enfiando os braços nas mangas de um *paletot* de jornada, como o fariaria Napoleão partindo para a Russia. «E o passa-

(1) Veja-se o numero 219 do 3.^o volume, a pag. 217.

porte? É verdade, o passaporte! — Despi outra vez o *paleto* e saí para participar aos meus amigos a heroica resolução que tinha tomado. Seja-me permitido declarar aqui, para descargo da minha consciência, que talvez não tivesse chegado a sair de Lisboa senão fossem os taes meus amigos. Havia-lhes annuciado vinte viagens similhantes a esta; despedia-me d'elles, e no outro dia encontrayam-me socegradamente deitado na cama, lendo um livro, e vendo subir o fumo de um charuto, *em espiracs scm fim*, como dizem os românticos. Riram-se os meus amigos, e encolheram os hombros. Eu engoli silenciosamente as suas zombarias, mas fui logo tomar um logar no vapor, que d'ali a tres dias saía para o Porto; tirei o passaporte, e esperei com ancia o grande dia do embarque.

Leitor, se já tens viajado, debes lembrar-te do que a gente pensa no momento da partida; se nunca o fizeste, não podes imaginar quaes são as diversas sensações que opprimem o viajante, nem eu t'as posso contar, porque não senti nenhuma.

Estavamos a 18 de agosto. Amanheceu um dia d'estes que só se gosam debaixo do céu da península. Metti a chave da porta na algibeira, e caminhei pela rua do Ouro abaixo para o Terreiro do Paço. Quem me visse sair de casa não diria que era para emprender uma longa viagem; longa como são as viagens em Portugal, ainda que sejam de Lisboa para o *Beato Antonio*, vista a facilidade das communicações que temos por mar e terra; louvado seja Deus!

Embarquei no Terreiro do Paço, como é uso de toda a gente que sae de Lisboa por mar, e cheguei ao vapor que estava quasi a partir.

Era a primeira vez que montava o portaló de um barco portuguez a vapor, e tive a curiosidade de ver a machina, assim como o resto do apparelho, para fazer as minhas comparações com alguns vapores estrangeiros que tenho visto. Sabia por experiencia adquirida em outras cousas nossas, que tudo havia de ser máu; porém realmente fiquei surprehendido de encontrar muito peor do que julgava; excepto o capitão do barco, tudo o mais estava em harmonia com a miseravel caranguejola, onde condemnam a viver aquelle honrado homem, e que por fim o ha de matar; permitta Deus que eu me engane!

As oito horas começou a machina a trabalhar; o vapor deixou a amarração e principiou a arrastar-se pesadamente por esse Tejo abaixo.

Misericórdia! onde me vim metter! Exclamei eu, vendo o movimento vagaroso e tremulo do navio, que parecia um velho de cem annos caminhandô para o tumbulo. «Tem medo?» me perguntou o piloto. «Medo? Já por algumas vezes atravessei o oceano; posso dizer que me nasceram os dentes depois de dobrar o Cabo. Mas abordo de similhante callhambeque, todos devem ter medo! Que lastima! Não são precisos baixios nem tormentas para desmanchar isto! De alguma vez deixa-se ir para o fundo com a mesma serenidade com que existe, e pôde ser que menos indolentemente do que anda!»

O piloto encolheu os hombros, e eu fiz outro tanto, dirigindo-me para a camara.

Tenho visto Lisboa de todos os pontos, e por isso me pareceu muito mais razoavel procurar informações do almoço, do que estar sobre a tolda á espera de maior appetite.

Adquiri um habito ha muito tempo, e já agora não procuro destruil-o. Não ha divertimento para mim sem comer bem: nas viagens, sobre tudo, sou te uma exigencia de que nem sempre tenho conse-

guido bons resultados; mas n'esta, devo fazer-me justiga, não foi minha a culpa de os não alcançar melhores. Não sei se é um uso malevolo o que se segue no vapor; a mim pareceu-me barbaro esperar-se que os passageiros comessem a soffrer o terrivel padecimento do enjôo, para depois servir o almoço. Se é um calculo para economisar, acho-o tão miseravel e abjecto, que me repugna fallar d'elle; mas se o não é, partindo o barco ordinariamente ás oito para as nove horas, porque não ha de estar o almoço prompto apenas se deixar a amarração? A nós, só nos foi servido para baixo de Cascaes, quasi fóra da barra, quando o mar cavado, fazendo jogar a embarcação, tinha communicado a todos essa doença atroz que os francezes chamam *mal de mer*, e tanto atormenta o corpo como o espirito! Todos, ou quasi todos, succumbiam, e eu mesmo que me julgava um *Sindbad* apenas tomei uma chavena de chá.

Mas entre os meus companheiros de viagem havia um que o não era de infortunio, porque bebia e comia por todos os outros, não desmentindo esta nobre animosidade até ao momento do desembarque.

Era um inglez. Typo obrigado de todas as narrações de viagens, farças, comedias, ou romances. E com effeito são homens para tudo os inglezes.

Este, era verdadeiramente um typo. A cabeça calva e quasi quadrada possuia as dimensões mais enormes que tenho visto em minha vida. Da nuca até á fonte cõr de rabano, havia uma proeminencia convexa, d'onde partiam pequenos raios, cuja saliencia desaparecia debaixo de algumas ruivas farripas, que descanzavam sobre as longas orelhas rubras como tomates. Os olhos azues e esgaziados, desguarnecidos de sobancelhas, e a palpebra sanguinea, pareciam os filtros por onde saíam os vapores bachicos áquelle distillador. O immenso nariz encarniçado como a crista de um gallo, estava perpendicular á barriga ameaçando fural-a se continuasse a crescer; e o nariz tinha razão, porque o pobre homem já não via dous palmos adiante dos pés. As faces nedas e cheias de carne, o pescoço curtô e grosso como o cacho de um frade Bernardo, encostavam-se nos largos hombros do nosso amigo como a bomba de uma seringa. Não cobriu a cabeça durante a viagem, como se fizesse gala em mostrar aquella abobora ornada de barbas de milho.

Trajava um amplo casacão de baeta azul, que lhe descia magestosamente até aos artelhos; uma calça de panno tambem azul, estreita, como são em rigor as calças de um inglez, e curta como é uso d'aquelle povo sensato, desenhava perfeitamente as fórmas, mostrando as pernas em parenthesis, e a enorme barriga, teza como a pelle de um tambor. O colete de *bombazina* attestava no desbotado da cõr a sua antiguidade e serviços; os tres botões que lhe restavam, orphãos de seus velhos companheiros, perdidos sabe Deus como e aonde, desfaziem-se de pura magua, espremendo as marcas brancas, que espreitavam pelos buracos a desejada aurora da reforma; em quanto as casas aborrecidas d'aquelles inquilinos degenerados, riam a bandeiras despregadas a cada ponto que rebentava. Os pés, eram pés inglezes; e as mãos, verdadeiras mãos de capitão de navios, honesto mister, que exercia o sr. John Street.

Este honradissimo homem, a cada balanço mais violento do vapor, vociferava um *god-ham*, e despejava dous copos de vinho.

«Maldito inglez!» berrou um padre que embarcava pela primeira vez na sua vida, perigo a que se aventurava para servir a Deus, indo a Braga tratar

de eleições. «Este maroto é capaz de beber mais vinho do que o mar tem de agua! E eu que nem posso agora soffrer-lhe o cheiro! Ah patife! que se fosse em terra!... lá sou eu gente!...» Com estas beatificas apostrophes, o reverendo arrastou-se dando gemidos para o colchão immediato ao meu, e atou um lenço encarnado na cabeça.

O capitão e o piloto havia muito que se tinham levantado da mesa; os passageiros estendidos cada um para seu lado, com bacias ao pé de si, pallidos e em suores frios, pagavam esse cruelissimo tributo que o oceano exige de todo aquelle, que pela primeira vez se atreve a penetrar nos seus dominios. Alguns d'elles moviam á compaixão; no meio das terriveis ancias provocadas pelo balanço, injectavam-se-lhes os olhos de sangue, querendo saltar fóra das orbitas; chegaram dous ou tres a cair desfallecidos, apparecendo-lhes apenas aos cantos da bôca alguma espuma ensanguentada.

No meio d'esta scena de desolação, uma outra de destruição, horrivel tambem se a viagem tivesse de ser longa, porque nos faltariam os mantimentos, estava sendo praticada sobre a mesa pelo desalmado do inglez!

(*Continúa.*)

F. GOMES D'AMORIM.

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Na Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

III.

INSTAUROU-SE-LHE processo logo, sendo perguntado diversas vezes pelo desembargador Ignacio José de Moraes Brito, incumbido da instrucção. Contando já perto de mez e meio de prisão rigorosa, compoz com o titulo de «Trabalhos da vida humana» uma narração desleixada e bastante vulgar do seu infortunio, e não cessou depois de se lamentar quasi todos os dias em versos mais nobres do que a primeira produção. Parece que o ciume, exacerbando os outros padecimentos, lh'os envenenava de suspeitas e de saudades, como indicam alguns sonetos inspirados por esta paixão, e mui expressivos na pintura della. Ao mesmo tempo nada esquecia para excitar o zêlo e a piedade dos seus amigos, e dos poderosos intercessores, que o talento lhe grangeára.

Os marquezes de Ponte de Lima, de Abrantes, e de Pombal, aos quaes dirigiu as bellas epistolas, que se lêem na collecção das suas obras, não o desampararam; compadecidos uniram os esforços, e conseguiram quebrar-lhe os ferros, e restituil-o á liberdade, dando-se ao processo a oppórtuna direcção para isso. Julga-se que José de Seabra da Silva, ministro de estado, e admirador de Elmano, teve n'este acôrdo honrosa parte, devendo o poeta ao seu valimento com as auctoridades civis, e com os proprios inquisidores, a suavidade com que todos elles o castigaram. Mas não antecipemos.

Decorridos quasi tres mezes, o intendente da policia officiou ao inquisidor geral D. José Maria de Mello, em 7 de novembro, remettendo-lhe o preso, que foi transferido para os carcerees da inquisição, donde passou para o mosteiro de S. Bento da Saude.

Ainda que a phrase do officio seja severa, vê-se que as iras tinham abrandado; e o que succedeu depois bastante o prova. A inquisição desarmada do antigo rigor, humana e clemente por convencimento ou por necessidade, mostrou-se indulgente com o accusado, accetando de boa mente os protestos do seu arrependimento. Nem lhe dilatou a reclusão, nem o sujeitou a nenhuma das expiações infamantes, usadas nos antigos tempos de severidade. Contentou-se com uma admoestação aspera, com a declaração de elle não tornar a dedicar a sua penna a assumptos irreligiosos; e com algumas semanas de custodia na companhia de varões doutos e tementes a Deus.

Em 22 de março de 1798 o intendente Manique dirigia-se do novo ao corregedor do crime do bairro dos Romulares, encarregando-o de passar ao mosteiro de S. Bento da Saude para receber a Manuel Maria de Barbosa du Bocage e o conduzir ao hospicio das Necessidades, devendo ali ficar recluso sem venia de sair até nova ordem, e sem ter communicação com pessoas de fóra; mas sendo-lhe licito andar em liberdade pelo hospicio, descer á cêrca nas horas de recreação, e tratar com os religiosos conventuaes. O officio termina por uma exhortação, quasi paternal, do magistrado em nome do soberano, dizendo-se nella, que o principe regente esperava: «que por meio das correções, que tinha soffrido Manuel Maria de Barbosa du Bocage, tornando a si e aos seus deveres, aproveitando os seus distinctos talentos para servir a Deus, a elrei, e ao estado, seria util a si, e daria consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes, abandonados os vicios e a prostituição, em que vivêra escandalosamente.»

Esta lição pesada, se não aproveitou tanto como os protectores esperavam, não foi esteril para o poeta. Ouvido em confissão geral pelo padre Joaquim de Foyos, e conservado em custodia entre os congregados, teve tempo de acalmar o espirito, e de socegar o coração. É deste periodo da sua vida que data uma das mais admiraveis tentativas, que ainda se ousaram na lingua portugueza, como nota o sr. Castilho, juiz competente, porque se mediu victorioso com as mesmas difficuldades. Foi então, que Elmano, a sós com o seu engenho, e concentrando no estudo e na reflexão todo o cabedal das facultades, travou corpo a corpo com a musa de Ovidio um certamen, de que são trophéos as versões, que nos legou. N'este monumento incompleto, que a brevidade da existencia e as distrações do mundo não deixaram concluir, embora ficasse interrompido, está o testemunho gloriôso do poder do seu talento. A poucos foi dado de um só passo chegar tão longe.

Os ferros e a tristeza do captiveiro, duro de mais para a impaciencia do seu caracter, não lhe offuscaram o brilho do estro. Entre prantos a sua voz nunca cessou de se ouvir; e na epistola ao marquez de Ponte de Lima (uma das numerosas composições desse periodo)-achámos descriptas por elle mesmo, em tercetos dignos do infortunio, as feições moraes, que os zoilos denegriam para vingarem os revezes do amor proprio, fingindo vingar a religião e o estado.

Bocage teve erros e defeitos; mas a raiz dos seus desvarios não estava no coração; nascia do venenoso applauso da turba anonyma, que o cegava com lisonjas, e o attrahia com prazeres. Eram sombras, que lhe caíam de fóra, e que se desvaneciam em algumas horas de conversação com a sua alma, envergonhada então do que a seduzira antes! Nelle o homem era bom, compassivo e crente; o poeta é que foi agreste, ciumento, propenso á ira; capaz de esquecer a gratidão em um gracejo elogiado; e eternamente escravo de dous vicios, fataes ao genio e á felicidade.

— a sensibilidade extrema do orgulho exaltado; e o horror da quietação e da existencia commum.

Escutemos-lhe as queixas, gemidas na solidão, quando, em pleito com os accusadores, olha sem disfarce para o espirito inclinado sob a dôr, e cheio de nobre sinceridade, não duvida descobrir-se todo, arrancando o véu com a suprema persuasão, que nasce da verdade:

O rumor, que me ultraja é fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corrupto,
Corrupto não está meu pensamento.

Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;
Do triste, do infeliz não olho ao damno,
Com ferreo desamor, com rosto enchuto.

Vejo a copia de um Deus no Soberano;
Curvo-me ás aras; em silencio adoro
D'alta religião o eterno arcano.

Sim erros commetti, mas erros choro,
Não com pranto sagaz, que a vista illude:
Da abjecta hypocrisia ardis ignoro.

Estes foram, como os retracta, os sentimentos verdadeiros da sua alma!

Mais do que devoto, supersticioso até, em um momento de allucinação, rompeu consigo para poder romper com a fé, e teve a indisculpavel fraqueza de traçar a « Pavorosa illusão da eternidade! » Adorando a patria, cuja saudade chorou em magoados canticos ás margens do Ganges e nos trances das tempestades do oceano, o ardor da novidade, e o rasgo imprudente de um genio arrojado, levaram-no a tomar ás vezes a licença sanguinaria da revolução franceza, no periodo que a deshonra, pelo esforço heroico da liberdade, que apenas assistia com os exercitos, oppostos peito a peito nas fronteiras á invasão! Nascido trinta annos mais cedo, do que a epocha para que fôra talhado, vemos nelle a aspiração precedendo o exame; e a vontade reflectida atrás sempre do impeto!

Seria o primeiro dos poetas da eschola chamada romantica se vivesse com a nossa geração; adiante da sua, como esteve, foi assim mesmo o mais moderno dos poetas classicos pelas tendencias, e apesar das fórmas. Em um governo de instituições exageradas e oppressivas o espectáculo da anarchia, e o ostracismo reciproco dos tribunos, hoje no throno, e amanhã no cadafalso, viria irritar no seu animo o grito da justiça, e o horror da crueldade: o sangue innocente e a iniquidade triumphante far-lhe-iam exasperar a paixão no seio, e como André Chénier, por amor á razão livre, e á consciencia solta de vinculos, o jambo vingador sustentaria os foros da verdadeira liberdade em face da tyrannia hypocrita, coberta com as suas vestes!

Mas o seculo para nós ainda vinha longe! As idéas, que preparam os grandes acontecimentos, precisam de amadurecer primeiro a intelligencia antes de incarnarem na acção e de se traduzirem em factos; e as de fóra não passavam o mar e a fronteira senão a medo. A reacção começava sim; porém confusa, balbuciante, e sem discernir os meios nem os fins. Os abusos batiam mais na vista, do que a caducidade das formulas, de cuja degeneração se alimentavam; e era mais contra os abusos, do que em hostilidade ao systema, que os censores erguiam em segredo a voz, e concebiam virtuosas esperanças de remedio. O sceptro absoluto de D. João VI, principe regente, regia tão suave, e sentia-se tão ao de leve,

graças á bondade natural de seu character, que tudo seria accusado menos o throno, e para tudo se fariam votos, menos para a mudança de imperante!
(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

CHIMICA APPLICADA ÁS ARTES.

PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DO OLEO DE PALMA E SUA PURIFICAÇÃO.

O OLEO de palma, que se sabe conter 60 por cento de oleína e 31 por cento de stearina e 9 de diferentes materias impuras, vê-se que por esta primeira pressão apenas se extrahi metade da oleína; e por conseguinte que é indispensavel soffrer uma segunda pressão mais forte do que aquella. Para este effeito derrete-se outra vez a stearina até 100°, seguindo o mesmo systema, e conserva-se n'aquelle estado de fusão por espaço de duas ou tres horas, findas as quaes lança-se em taboleiros de madeira para resfriar vagarosamente e produzir novos cristaes, que se dividem em pães de 17 a 33 arrateis, os quaes se embrulham em pannos de lã, e mettem-se em saccos de crina aquecidos, que depois se submettem á acção da prensa, na qual os saccos são separados por chapas ou laminas de metal tambem quentes.

Os pães ou bolos, que saem desta segunda pressão, ficam inteiramente livres da oleína. Esta substancia, que não experimentou a acção dos agentes chimicos, poderá ser vantajosamente empregada na fabricação do sabão; neste caso branquear-se-ha pelos meios ordinarios.

Pelo que toca á stearina branquear-se-ha pelo seguinte processo sem intervenção do chloro.

Depois que os pães de stearina estiverem derretidos, escoam-se para uma tina, na qual se faz passar uma corrente de agua fria que os solidifica instantaneamente, e os cristaes de stearina que a agua arrasta consigo, recolhem-se e expõem-se á acção do ar e do sol, que os branqueia dentro de pouco tempo. Conseguido isto derretesse a banho-maria, ajuntando-lhe 2 por cento de acido sulfurico, o qual os priva de todas as materias heterogeneas que ainda porventura contenham. E por ultimo derretem-se ainda uma vez adicionando-lhe cinco claras de ovos em cada 109 arrateis de stearina; e remechendo continuamente se obtem por este methodo uma materia perfeitamente branca, solida e bem cristalisada, que pode servir para a fabricação das vélas: as torcidas serão immergidas por espaço de doze horas em uma dissolução de uma parte de acido borico por 24 partes de alcool; depois do que se espremem levemente para expellirem o liquido superfluo.

O processo que acima deixámos referido, póde tambem ser applicado para branquear qualquer outra materia gordurosa, bem como para a cêra.

DENOMINAÇÕES DE ALGUMAS ACADEMIAS ITALIANAS.

A academia de Perúsia chamava-se dos loucos, a de Pisa dos extravagantes, a de Florença, dos humidos, a de Genova, dos adormecidos, a de Alexandria, dos immoveis, a de Cittá di Castello, dos absurdos, a de Fabriano, dos desunidos, a de Maccrata, dos encadeados, e a de Rossano, dos destemidos.